mocidade
portuguesa
feminina

Sumário

N.º 86
JUNHO
1946

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 46134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada-Lisboa

Assinatura ao ano 12$00 Escudos — Número avulso 1$00 Escudo

FESTA DE JUNHO

Quadro de Carlos Reis

SE TU QUIZESSES...

TODAS vós vos recordareis da tragédia sem nome que ocorreu com o *Titanic* logo na sua primeira travessia que fez ao longo do oceano.

Saira de New-York no dia 14 de Abril de 1912. Nessa mesma noite, o senhor dos mares para aquele tempo lançava desesperados S. O. S..

No escuro fechado da noite e do nevoeiro tão próprio daquela região do Atlantico, naquela altura do ano, o grande barco recebera o golpe mortal de um medonho icebergue...

Mil e quinhentos passageiros, entre os ruidos das musicas e das festas que nesse momento estavam correndo a bordo, desapareceram para sempre engulidos pelo oceano.

Não vem agora ao meu caso contar-vos o que então se passou de panico e horrores a dentro do barco. Imaginai-o. E imaginai o estado das almas a aparecerem diante de Deus, tantas delas sem terem tempo para se darem conta, entre os rudopios dos bailes, de que se estavam afundando para sempre...

* * *

Trouxe o facto por outro motivo.

Algumas semanas passadas sobre este desastre que tanto impressionara o mundo, reunia-se em Londres uma conferência internacional em que tomaram parte catorze nações.

Resultado desta reunião? Todos os países ali representados comprometiam-se a criar e manter à sua custa um serviço regular de patrulhas destinadas a descobrir e despistar os icebergues no oceano e logo prevenirem a navegação indicando-lhes a sua posição.

Assim, desde 1913, dia e noite, o Atlantico Norte é vigiado e patrulhado, dos princípios da primavera aos fins do verão, por barcos especiais — os vigias dos icebergues.

* * *

Dias e dias, noites e noites, quando nós folgamos ou ganhamos a vida, enquanto tantos gosam sem limite e sem vergonha, os vigias dos icebergues velam meses seguidos, perdidos entre perigos mil, longe de tudo e de todos...

Quantas vidas poupadas, e quantos barcos puderam desde então passar incolumes através as águas e as neves daquele mar!

E como aqueles vigias patrulheiros, quantas outras vidas a fazerem continuadamente a vela do mundo! Os faroleiros, por exemplo...

* * *

Já tinhas alguma vez pensado nisto?...

Talvez me não tivesse enganado muito em julgar que a lição vem a tempo para ti... e para tanta gente egoista neste mundo egoista de agora.

Por entre o sofrimento e a fome, e a escassês de tudo, e a miséria trágica a sorver vidas de regiões inteiras da Europa, há quem continue gosando, comendo e bebendo, como se nada de doloroso se esteja passando a nosso lado, talvez mesmo no vão de escada ou nas trapeiras do nosso prédio...

Pensa nos faroleiros, alguns deles a viverem temporadas long as entre as brumas dos mares; pensa nos patrulheiros de icebergues a vigiarem, com risco das suas vidas, os mares do Norte. Pensa em tantos que sofrem e velam, para que te não falte nada na manhã seguinte, logo que acordas, depois de um sono reparador e despreocupado.

E pensa a sério nos teus muitos egoismos...

nos teus caprichos...

nos teus luxos...

nos teus desperdicios...

Se tu quizesses, certamente haveria menos sofrimento no mundo...

Se tu quizesses...

G. A.

NOTÍCIAS DA M.P.F.

VILA REAL — Centro n.º 1. Na recepção à Ex.ma Senhora D. Fernanda d'Orey, Comissária Nacional Adjunta: entrega de um ramo de flores por uma graduada do Centro n.º 2

PÓVOA DE VARZIM — Filiadas que tomaram parte na festa realizada em Fevereiro passado

BRAGA

Festas realizadas em alguns Centros por ocasião da distribuição dos berços

Centro n.º 2 — Colégio Dublin

A Sessão foi aberta e presidida pelo Senhor Padre Rodrigues de Azevedo, tendo sido cantado pelas filiadas o hino da Mocidade Feminina a iniciar a festinha íntima a favor dos pobrezinhos.

Uma filiada leu um discurso patriótico, enaltecendo a Obra das Mães e a Mocidade Portuguesa Feminina. Houve vários recitativos, um diálogo entre duas filiadas e por último foi encerrada a sessão com o hino da M. P. F. Houve distribuição de rebuçados por todas as filiadas a crianças pobres.

Centro n.º 5 — Escola Anexa

Fez-se uma modesta festa que constou de recitativos e algumas canções em coro, sendo entregue no final pelas próprias filiadas o berço a uma das mães pobres e algumas peças de roupa às filiadas mais necessitadas.

Centro n.º 8 — Escola Feminina da Sé

Depois de aberta a sessão pela Ex.ma Directora do Centro as filiadas entoaram

BRAGA — Dois aspectos da exposição de berços, enxovais e roupas para crianças pobres, confeccionados pelas filiadas e distribuídos na «Semana da Mãe»

o hino da Mocidade Feminina, ouvindo-se com prazer pequeninos discursos e recitativos, exaltando-se a caridade e o valor da modesta dádiva às pobresinhas. Em seguida, num ambiente de carinho entre várias manifestações de verdadeiro amor filial e fraternal, procedeu-se à distribuição feita pelas próprias filiadas.

Centro n.º 4 — Escola Industrial e Comercial

Integrada no programa da Semana da Mãe, realizou-se, no Centro n.º 4 da Mocidade Portuguesa Feminina (Escola Industrial e Comercial), uma interessante festa que, se outro mérito não tivesse, bastava o de ser inteiramente organizada pelas suas filiadas que, diga-se de passagem, se houveram com brilho no desempenho da missão de que foram encarregadas. As filiadas Maria Candida Silva, Maria das Dores Silva, Maria Augusta Guimarães, Maria Batista da Silva Leite, Luiza Borges de Castro, Maria Alice Moreira, Irene Matos e Helena Nogueira, fizeram as visitas domiciliárias às criancinhas pobres; Maria da Conceição Palmeira, Maria Fernandes Morais, Maria Amélia Cardoso, e todas as alunas do 3.º, 4.º e 5.º anos da Escola Industrial, confeccionaram com carinho as roupas que foram distribuidas na linda festa, pelas filiadas Irene Matos, Dores Silva e Maria Augusta Guimarães, e que teve como empresária Adalgiza Rosa da Costa, e ensaiadora dos bailados Maria de Lourdes Guimarães.

O programa foi feito por Maria das Dores Silva e os convites por Irene Matos.

Com todos estes elementos, a festa tinha que resultar brilhante e satisfazer os mais exigentes, para o que muito contribuiu o Orfeão da Escola, sob a hábil regência do seu maestro Rev. P.e Alberto Braz. Entre a assistência viam-se o director, professores e a sr.ª D. Filomena Lopes, Delegada Provincial da M. P. F.

Eram 16 horas quando o espectáculo principiou.

A distribuição de roupas às crianças pobres, foi a nota mais enternecedora do espectáculo, adivinhando-se nos olhos das pequeninas a alegria que lhes ia na alma.

Nos bailados e nos outros números do sabor popular que tanto agradaram, distinguiram-se as solistas e as «artistas» Lidia Ramires, Aurora Lígia de Morais, Berta Antónia Ramos, Graciosa Silvério Sampaio, Argentina Cabral, Gabriela Quintas, Maria Manuela Carvalho, Maria Helena Veiga, Maria Eugénia Ribeiro e Maria de Lourdes Braga.

Alguns números foram bisados e as pequenas artistas foram acarinhadas por prolongadas salvas de palmas.

Foram também distribuidos os diplomas e prémios às filiadas do Centro n.º 4 que se distinguiram no Salão de Estética de Lisboa, organizado pela Mocidade Portuguesa.

No final desta festa encantadora, usou da palavra a sr.ª dr.ª D. Cristina Torres para salientar como as raparigas, quando bem dirigidas e orientadas, são capazes de nos proporcionar espectáculos agradáveis à vista e ao coração, como aquele a que acabava de assistir.

As palavras da ilustre professora, que as alunas amam e respeitam, foram recebidas com entusiasmo por todos os alunos.

O Orfeão, a terminar, executou o Hino Nacional.

SANTO TIRSO — Grupo de filiadas que dançaram o «Verde Gaio»

SANTO TIRSO

Primeira Embaixada da Alegria e da Bondade

Nos dias 23 e 24 de Fevereiro o nosso Centro esteve em festa.

Iamos na nossa primeira Embaixada da Bondade e da Alegria, ao asilo da Santa Casa da Misericórdia.

Era a primeira vez que representávamos. Não nos lembrávamos disso, e só pensávamos em levar um pouco de alegria e conforto espiritual aos asilados. Quando lá chegámos davam os últimos retoques no palco, armado na enfermaria.

Pouco passava das 3 horas da tarde quando se deu inicio ao programa que estava assim estabelecido:

1) — Hino da Mocidade Portuguesa Feminina — Coro por todas as filiadas.

2) — Palavras de apresentação por uma filiada.

3) — Marcha da Paz — Por 12 filiadas.

4) — Ó Rosinha — Dansa popular.

5) — Recitativo por uma filiada.

6) — Nem 8 nem 80 — comédia publicada na revista da Mocidade Portuguesa Feminina.

7) — «Verde Gaio» — Dansa popular.

Tudo correu muito bem e todas estávamos contentes com a nossa pequenina festa para os pobres.

No fim distribuimos bolachas, doces, rebuçados e cigarros aos asilados, que nos agradeciam comovidos e contentes.

Pediram-nos pora repetirmos no domingo, 24, e nós acedemos. As nossas dirigente e instrutora ficaram contentissimas com a boa vontade que mostrámos para os pobres, a quem estávamos encarregadas de levar um pouco da nossa alegria juvenil.

Despedimo-nos dos velhinhos que nos agradeciam com lágrimas nos olhos a visita.

Nunca mais esqueceremos a nossa primeira Embaixada da Bondade e da Alegria.

CENTRO ESCOLAR PRIMARIO FEMININO DE CERNACHE DE BONJARDIM — ALA DA SERTA

No passado dia 8 de Dezembro, festejou-se com grande brilhantismo «O Dia da Mãe».

Pelas 9 h. e meia todas as filiadas deste Centro, vestidas de branco, assistiram com suas Mães à Missa que por sua intenção celebrou o Rev.mo Reitor do Seminário local, na Igreja Matriz, tendo sido cantada pelas filiadas e acompanhada a órgão pelo Rev. Prior da freguesia, Sr. P.e Luiz Augusto Rocha.

Ao Evangelho o Rev. Reitor do Seminário, Sr. P.e Filipe Tavares, enalteceu o papel das Mães, chamando estas ao cumprimento dos seus deveres e incitando os filhos a amarem e a respeitarem as autoras dos seus dias.

A's 14 horas houve no espaçoso edificio da Escola, sede do Centro, uma sessão solene, onde foi prestada homenagem à memória da falecida Sr.ª Condessa de Rilvas, criadora de tão simpática iniciativa em Portugal.

Na mesa da presidência via-se a Mãe de uma filiada, representando as mães de Sernache de Bonjardim.

Aberta a sessão, todas as filiadas cantaram a marcha da Mocidade Portuguesa, seguindo-se-lhe uma palestra pela Directora do Centro, Professora Sr.ª D. Júlia Nunes de Brito, que focou a grande responsabilidade das mães na educação de suas filhas, a repercussão social dessa educação e incitou a amarem-se reciprocamente mães e filhas.

Voltou a ouvir-se a voz das filiadas em «Agua clara». Depois a lusita de 8 anos, Maria da Glória Padrão Biscais, leu com muito agrado uma homenagem de louvor à mãe, que bastante comoveu a assistência.

Cantaram em seguida o «Hino à Escola» e o Ex.mo Presidente encerrou a sessão com um burilado discurso alusivo ao acto.

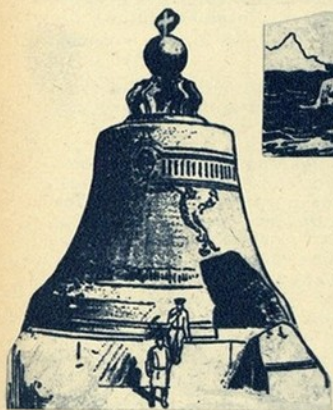
No recreio da Escola, uma classe especial de ginástica do Centro exibiu uma interessante lição que encantou a assistência, e da qual a fotografia junta mostra um interessante exercício, vendo-se nela a filiada Belmira da Conceição Nunes, do 3.º ano liceal, que bastante tem auxiliado a Directora do Centro.

Finda a lição foi inaugurada uma interessantissima exposição de trabalhos feitos pelas filiadas, que no final foram oferecidos a suas mães como recordação desse dia inesquecivel.

SERNACHE DE BOM JARDIM — Lição de ginástica

CURIOSIDADES

Aqui há anos surgiu no Oceano este quadro extraordinário: um barco num alto de um iceberg!

A explicação é fácil: estava amarrado ao gelo, este quebrou-se e arrastou consigo o barco. Felizmente não se encontrava ninguém a bordo.

O maior sino do mundo existe na Rússia, (ou existia?!) Quando se fundiu, o entusiasmo e a devoção foram tais que foram lançados milhares de joias na fusão do metal.

Alguns patos selvagens atingem uma velocidade de 140 quilómetros à hora.

Existem povoações nas regiões polares onde o sol se não põe durante meses.

OS SETE SÁBIOS DA GRÉCIA

TEEM ouvido falar dos «sete sábios da Grécia», mas julgam talvez que é uma expressão sem fundamento, um modo de dizer. Os «sete sábios da Grécia» existiram; eis os seus nomes e as suas terras de origem: *Thales*, de Milet; *Solon*, de Atenas; *Chilon*, de Lacedemonia; *Pitaco*, de Mitilene; *Bias*, de Priena; *Cleobul Periandro*, de Corinto.

Todos estes filósofos viveram alguns séculos antes de Cristo. Há quanto tempo, meu Deus! Mas algumas das suas máximas e aforismos chegaram até nós e poderão ainda ser-nos úteis.

Embora a luz do Evangelho não tivesse iluminado a sua inteligência, há verdades evidentes por si mesmas que a experiência e o bom senso ensinam. E basta a luz da razão para descobrir certas leis morais, escritas por Deus no coração do homem ao criá-lo.

Por isso esses sábios disseram coisas acertadas, entre muitas outras desacertadas... Aproveitaremos algumas das boas.

Thales. E' dele este aforismo: «*Conhece-te a ti mesmo!*» Tendo-lhe perguntado alguém, qual era a coisa mais difícil, respondeu: «*Conhecer-se a si mesmo*». E a mais fácil: «*Dar conselhos aos outros*»

Sólon Algumas das suas máximas de conduta:

Considera a tua honra coisa de mais peso que um juramento.

Nunca mintas.

Trata de coisas sérias.

Não sejas precipitado em arranjar amigos nem tão pouco em te desfazeres deles.

Manda apenas quando tiveres obedecido.

Não dês conselhos agradáveis, mas bons conselhos.

Guia-te pela razão.

Livra-te de más companhias.

Chilon. *As tres coisas mais difíceis são: guardar segredos, empregar bem o ócio, e suportar a injustiça.*

Domina a tua lingua; não fales mal do próximo.

Mais depressa deves visitar os teus amigos na adversidade do que na prosperidade.

Tem mão em ti.

Aprende a dirigir bem a tua casa.

Não corra a lingua mais que o juízo.

Reprime a cólera.

Não queiras impossíveis.

Não te apresses no caminho.

Pitaco. *O melhor é tratar de se fazer bem o que se está fazendo no momento.*

O poder revela o homem.

E' próprio dos homens prudentes precaverem-se das adversidades antes delas aparecerem, e dos fortes tolerarem-nas quando aparecem.

Não digas com antecipação o que pretendes fazer: porque serás objecto de troça se a coisa falhar.

Espera a oportunidade.

Abstem-te de dizer mal não só dos teus amigos, mas também dos inimigos.

Bias. *A coisa mais difícil que existe é suportar a mudança de fortuna com grandeza de alma.*

Infeliz é aquele que não sabe sofrer a infelicidade.

Cleobul. *A medida é a melhor de todas as coisas.*

Deve-se favorecer o amigo para que o seja ainda mais e o inimigo para o tornar amigo.

Quando saíres de casa, pensa primeiro no que has-de fazer, e quando voltares no que fizeste.

Devemos ser familiares com a virtude e estranhos com o vício.

Aprende a sofrer com paciência os revezes da fortuna.

Periandro. *Na prosperidade sê moderado; na adversidade prudente.*

O trabalho consegue tudo.

RAPARIGAS DE ONTEM

IV — Primeiras notícias

ESTAVA lindo aquele dia de Janeiro; o sol brilhava intensamente e a luz clara tornava a estrada que conduzia à aldeia uma fita branca e luminosa. Se não fosse o ar fresco que quase cortava a pele, e, ao longe, nos altos da Serra de Arga, uma brancura espelhada que denunciava neve, Gabriela, que muito agasalhada seguia com o seu passo vivo o caminho, julgar-se-ia na primavera.

Costumada aos asperos climas do Norte sentia mais intensamente a beleza desse dia de inverno, a que geralmente quem sempre viveu em Portugal não liga importância.

Os choupos de Beira Lima ondulavam com a briza e as águas do rio refletiam o azul do céu. Apressada, correspondia às saudações dos que encontrava na estrada, mas não parava, como de costume, para ouvir as queixas das velhas que o reumático torturava, ou as complicadas histórias que as mulheres da aldeia gostam de desfiar. Nesse dia esperava carta de Maria Luiza e a sua impaciência não lhe permitira aguardar que o velho criado João fosse à venda buscar o correio, o que daria uma hora ou mais de demora, segundo os amigos que encontrasse, ou o vendeiro num ataque de generosidade lhe oferecesse um copito.

Estava anciosa por notícias. A irmã na última carta de Paris anunciava-lhe a sua próxima partida para Itália e havia dias já que nada recebia. Maria Luiza fazia-lhe imensa falta. Não se lembrava de viver sem ela e apesar de ter organizado a sua vida com a avó e de ter criado interesses na quinta, custava-lhe não ter uma companhia nova. D. Matilde, a amiga da avó, ainda se conservava no solar e as duas velhas senhoras entretinham-se em longas conversas a que se sentia completamente alheia. Se ao menos tivesse Guida a quem tanto se tinha afeiçoado e em Lisboa tanto a tinha distraído quando Maria Luiza partiu. Mas a prima tinha os seus deveres de dona de casa, os cuidados com o marido e a filhinha, que alem de a prenderem na capital não lhe deixavam muito tempo para escrever.

E assim ela vivia à espera das cartas da irmã, a sua companheira de sempre, e enquanto tratava os seus coelhinhos brancos, que quando lhe sentiam a voz corriam para ela, ou quando trabalhava junto das velhas senhoras, o seu pensamento corria as ruas de Paris com Maria Luiza ou estavam no salão dos Villemaison, junto da «chaise-longue» de Colette que ainda fazia umas horas de repouso por dia.

Sentia a alegria da amiguinha que Maria Luiza lhe descrevera numa carta, e vivera os dias de chegada de Maria Luiza e a recepção fidalga das senhoras de Villemaison, que a tinham acolhido como uma verdadeira amiga, não parecendo ser uma empregada deles, mas sim uma hospeda muito querida.

Com Maria Luiza sentira as melhoras de Colette, as cores que voltavam e a que não era extranha a chegada de Maria Luiza, que lhe causara imensa alegria, e só esta ideia bastaria para que a boa Gabriela se resignasse à partida da irmã.

Ao avistar na volta da estrada a venda, uma raparigüinha que estava à porta correu para dentro e quando Gabriela chegou já o Joaquim da loja vinha com uma carta na mão, empurrando os que esperavam o correio.

— Boas tardes, minha senhora, aqui tem uma cartinha da mana. Parece impossivel que aquela menina se não topasse melhor aqui com a gente do que com a gente daquelas terras!

— Obrigada, senhor Joaquim, então cada um tem os seus gostos.

— Não há dúvida, mas a menina sempre gosta de estar com a gente, é uma fidalga como deve ser. Ainda aqui tenho uns jornaizinhos. — Depois de receber o correio, Gabriela apressou-se a voltar para casa com a volumosa carta na mão; ao chegar ao pinhal, sentou-se numa pedra e a sua impaciência não a deixou guardar para mais tarde a leitura da carta da querida ausente:

«Nice 10 de Janeiro

Querida irmã.

Não calculas o que tenho sentido a tua falta nesta linda viagem que desde o dia 3 nos traz em movimento. Calcula que em Paris parecia-me sempre que estavas comigo, e agora aqui em Nice, é que sinto bem a nossa separação, estou vendo coisas que tu não viste, nunca os nossos olhos se pouzaram juntos nestes pontos de vista, para os admirar e sentir a sua beleza.

Saimos de Paris faz hoje oito dias. Colette sentiu muito a separação dos pais e estes, embora dissimulando, mostraram bem o sacrificio que fizeram separando-se da filha querida, o que só faziam pela sua saúde e no cumprimento de um dever.

Ao sair de Paris é que comecei a medir a responsabilidade que me toca suportar nesta viagem com uma doente. Colette está ainda muito fraca e muito nervosa e a boa Miss Muir, absorta nos indetermináveis romances que lê sem cessar e em toda a parte, não toma a mínima resolução. Sou eu, que habituada a ser dirigida por ti, tenho de tomar todas as iniciativas e estou descobrindo em mim uma verdadeira tendência para o comando.

Fizemos a viagem pelo caminho mais longo porque Colette quis ir a Lourdes. Saimos de Paris à noite na carruagem-cama, e apesar da comoção sofrida, ela não passou mal. O tempo estava lindo quando chegámos aos Pirineus, que cubertos de neve sintilavam, e um frio intenso mas seco tornava agradável o andar.

Passámos um dia e uma noite em Lourdes; de manhã comungámos na Basilica porque estava frio na Gruta para a minha doente, mas rezámos ali e crê que não foste esquecida nas minhas orações. Pedi muito a Nossa Senhora que me ajude na missão que tenho de desempenhar.

A' tarde partimos e fomos ficar em Narbonne para Colette descansar. E de ai por deante é tudo novo para mim e para ti também. Narbonne é uma cidade pequena e interessante; de manhã, enquanto Colette dormia, Miss Muir e eu demos uma volta na cidade e fomos ver a Catedral que é muito bonita e grandiosa.

Nessa tarde partimos para Avignon. Quando passámos em Perpignan e avistei o mar tive uma alegria que me fez sentir a descendente de navegadores e filha de um país maritimo. De Perpignan para deante a viagem é linda. Carcassone, com a sua cidadezinha medieval rodeada de muralhas ameadas, é um encanto. Tive a maior pena de não ter ido vê-la, tanto mais que para o nosso compartimento subiu ali uma senhora americana que vinha encantada e que trazia livros ilustrados com a descrição da cidade que faziam crescer água na boca.

Colette, ao notar o meu interesse, ficou com muita pena de não termos visto a cidade, mas não me arrependo de o não ter feito, porque para uma doente estas sucessivas paragens também se tornam fatigantes.

De Avignon trouxe as mais encantadoras recordações. Visitámos o Castelo dos Papas, uma verdadeira fortaleza com as suas muralhas e as suas enormes salas de armas. O guia que nos mostrou o castelo era um homem já de idade, de barbas brancas, alto, com uma linda figura, e ao mostrar-nos a vista da muralha, entusiasmado, disse-nos versos de Mistral como um verdadeiro declamador.

Já ali encontrámos um sol vivo, e embora faça frio, já temos uma temperatura bem diferente da de Paris. De Avignon viemos directamente para aqui. Que linda viagem, principalmente de Marselha em diante, seguindo o Mediterrâneo com as suas águas de um azul tão forte, as rochas vermelhas num contraste de cor e a verdura das mimosas já em botão, prometendo de aqui a pouco uma verdadeira festa da flor.

Colette animada esquecia o seu cansaço e em S. Rafael e em Hyéres, nas estações com os seus jardins floridos, sentia-se encantada. Em Cannes e Juan les Pins, muito me lembrei dos projectos do Pai de virmos aqui passar umas férias.

Nesta época só se ouve falar inglês nestas paragens.

Natureza morta, por Josefa de Óbidos — Museu Nacional de Arte Contemporânea

TRES PINTORAS PORTUGUESAS

por Diogo de Macedo

DAS notícias que temos sôbre pintoras portuguesas, a de D. Margarida de Noronha, filha do 2.º Conde de Linhares, é porventura a mais antiga. Sabe-se que nasceu em 1550 e faleceu em 1636. Alguns historiadores a citam, como Duarte Nunes de Leão, na «Descripção de Portugal», Perym, no «Theatro heroico», o Abade Barbosa, na «Biblioteca Lusitana», Garrett, no «Ensaio sôbre a história da pintura» e Julio de Castilho, na «Lisboa Antiga». Todos afirmam ter ela pintado «excelentemente a óleo e iluminação», e Castilho di-la tambem perita na arquitectura. Foi ela freira no convento da Anunciada, em Lisboa, onde tomou o nome de Soror Margarida de S. Pedro. Garrett parece que lhe errou o nome no mundo quando lhe chamou Leonor. Em 1892, na «Revista Ilustrada», Alberto Pimentel corrigiu-o. De todos estes cronistas, Castilho foi quem mais desenvolveu a notícia, dizendo: «Foi esta religiosa (falecida em 1636) quem, por ser muito perita na arquitectura civil e na pintura, deu o risco para o templo da Anunciada, para as oficinas e para a varanda que havia no mesmo convento, conjecturando até alguns que os antigos retábulos que ali se conservavam fossem obra sua».

Pintora a oleo, iluminista de livros e arquitecta civil, o certo é que Dona Margarida de Noronha, no século XVI, deixou de si honrosa memória naquele lugar onde mais tarde se instalaria a «Irmandade de S. Lucas».

* * *

No século imediato, Josefa de Ayala ou Josêfa de Obidos, nascida em Sevilha, mas de pai português, Baltazar Gomes Figueira, natural de Obidos, tambem grandes famas conquistou com a sua arte de excelente pintura. Pouco antes da aclamação de D. João IV, regressara de Espanha o bom do Baltazar Figueira, com sua mulher, Catarina de Ayala y Cabrera, e com sua filha, vindo instalar-se em Óbidos e passando o verão na Quinta da Capeleira, fora da vila. Sua filha já então se dava com amor à pintura de motivos religiosos e de pitorescas composições de flores, frutos, doces e conchas marinhas, em gostosa fantasia de boa colorista e senhora de personalidade, que tanto quere dizer, possuidora de um carácter artístico inconfundível, embora a sua arte denuncie a escola sevilhana, na qual fora educada.

Retrato de D. Maria Francisca de Sabóia, por Josefa de Óbidos — Museu dos Coches

O cronista Perym conta, que, quando ela se encontrava na quinta, «era visitada de muitas senhoras, que frequentavam os banhos das Caldas da Rainha, meia légua distante, pelo gosto de a comunicarem e verem pintar, ou retratarem-se; como era pessoa de distinção e pintava por curiosidade, só importunada e perseguida, ou por devoção e respeito, usava da arte».

Vê-se que apesar de tomada por amadora era muito considerada. Pintara ela o retrato da Infanta Dona Isabel, filha de Dom Pedro II e da Rainha Dona Maria Francisca, que para ajuste do seu casamento com o Princípe Victor Amadeu de Saboia, lhe fora enviado. Se este casamento não chegou a consumar-se, não foi por certo devido à má qualidade do retrato nem à míngua de dotes físicos da retratada. Sabe-se, bem ao contrário, que esse retrato fora escolhido entre outros, e a preferência lhe fora dada pelas suas virtudes de arte e de semelhança em troca de outro do noivo, que para cá viera.

No entanto, não é como retratista que Josefa de Óbidos ingressou na História da Arte. Foi como pintora de assuntos misticos, cheios de graças nas composições e nas imagens de tipo alindado, usando de contrastes e coloridos muito individuais, de gostosas e alegres expressões cromáticas, que recordam a pintura veneziana, particularidade essa que os sevilhanos ignoravam, o que mais natural torna o valor desta artista. São numerosos os quadros religiosos que ela deixou e se espalhavam por muitos lugares do País. Na igreja de Santa Maria Maior, em Óbidos, ficaram muitos, em harmónico conjunto.

A sua viagem a Itália explica perfeitamente aquela semelhança de viçosas e quase luxuriosas colorações dos seus quadros religiosos com os dos venezianos. Mas a sua maneira distinta era ainda caracterizada por uma série de pormenores decorativos com que enriquecia as composições: flores, insectos, moluscos, etc.

A propósito de duas maravilhosas telas suas, datadas de 1676 e expostas em Lisboa, a quando de uma Exposição de pintores do século XVII, Matos Sequeira dizia:

«Josefa de Ayala, nestes dois quadros de alto sentido decorativo, tão ricos de cor, tão dominadores pela opulência da composição, tão expressivos como documento etnográfico, minuciosos sem ser mesquinhos, dá-nos, com feminilidade conventual, uma lição do que era a confeitura fria do seu tempo, empapelada de rendas, acondicionada em condessas de verga fina, resguardada em caixas pintadas, coroada de palitos floreados; em salvas de estanho e prata, arrumada em taças e cuvilhetes de faiança, enastradas de fitas policromas, acamaradada com barros frescos e lustrosos, num jeito de glória teatral às virtudes domésticas da culinária doce. Lá estão os folares pascais com as suas cruzetas de massa tortada sobre os ovos cozidos, a tijela de doce de chila, os pães de ló na sua cama de papel picotado, as queijadas, os fartens, as hóstias brancas e vermelhas, enformadas como mariscos, para os ovos de Aveiro, as grangeias e as obreias, e tanta outra doçaria indigena, fofa, gostosa, amanteigada à sombra verdoenga das favas e das ervilhas que parecem estar ali para que as coisas de açúcar avultem melhor, para que mais sorriam ao nosso apetite lambareiro de descendentes de dez gerações de gulosos».

Virgem e o Menino, por Josefa de Óbidos. Pintura sobre cobre. Museu Nacional das Janelas Verdes

Entre Atouguia de Baleia, Cercal e terras de Aljubarrota, não havia altar de capela ou oratório de gente rica, que não tivesse quadro religioso ou de flores e frutos de sua autoria, criando-se-lhe assim dominantes famas, que levava em tempos a atribuir-se-lhe quantas imagens ou bambochatas aparecessem na região. Em Óbidos e nas Caldas havia muitos quadros seus, autênticos. No convento de Valbemfeito e em casa de José Gomes de Avelar, seu descendente, havia-os «feitos em pano, cobre e prata, em que abria ao martelo, e se chama de pontinho». Esta informação diz-nos que a pintora repuchava as lâminas de metal para nela pintar algumas obras, que pelas marcas do martelo ficavam picotadas, isto é, de pontinho.

Josefa de Ayala, que assinava sempre «Josepha em Óbidos», faleceu em 22 de Julho de 1684 e foi sepultada na freguesia de S. Pedro, em Óbidos.

* * *

Do mesmo século XVII nos ficaram notícias de uma outra pintora, Tomásia Nunes, natural da Guarda e de humilde nascimento. Diz Alberto Pimentel, que «riscava e pintava com perfeição. Além disto, era letrada. Deixou uma obra com o título de Ideias singularissimas e faleceu em 1644». As suas telas, porém, são ignoradas da crítica.

* * *

Bem merecem estas três insignes artistas serem recordadas nesta revista, para que as senhoras tirem orgulho das faculdades com que Nosso Senhor as dotou neste campo de deleites e de comoções espirituais, que é o da Arte.

3

5

2

MODAS

PARA O VERÃO

N.º 1 — Vestido às riscas azul e branco (ou castanho e branco) elegante e distinto para a cidade e para a praia. Pode ser executado em tecido de algodão ou em seda.

N.º 2 — Engraçado conjunto para campo ou praia. Saia azul escuro, franzida, com barrinhas incrustadas do tecido da blusa. Blusa de chita, «chints» ou cambraia estampada com bordadinho branco na manga e no fôlho.

N.º 3 — 2 lindos modelos muito modernos, para campo ou praia, Como se vê, os bordados Suissos estão na moda. Côres claras, tecidos de algodão. Manga «quimôno» curtinha.

N.º 4 — Vestido de praia para usar sobre o fato de banho. Muito prático e feminino. Abotoado de alto a baixo. Em tecido de algodão xadrez, branco preto e rosa. A guarnição do decote e ombros é em renda grossa branca fransida com entremeio ao centro por onde passa uma fitinha preta.

N.º 5 — Vestido simples e juvenil em chita estampada, linho ou seda. Bom para o campo.

1

4

Noivas

As rendas de *«crochet»* estão novamente em grande moda. O *«crochet»* antigo sobretudo é agora de grande actualidade.

Lembro-te Paula que simples e portatil é levar para todo o lado a rendinha de *«crochet»* com seu novelo e agulha. Não ocupa muito espaço: cabe na carteira ou na algibeira do casaco. Assim poderás aproveitar os bocadinhos livres aqui e acolá o que não farias se tivesses que transportar contigo qualquer obra volumosa.

As rendinhas de *«crochet»* têm grande aplicação e rematam com graça os trabalhos. Além de que valorizam os «naperons», guardanapos de chá, toalhas, etc., são de grande duração por isso te aconselho a faze-las separadamente pois muitas vezes as rendas de *«crochet»* aguentam 2 e 3 panos sempre em bom estado, enquanto aqueles se gastam e rompem.

Damos-te hoje para começar algumas simples que poderás aplicar consoante a grossura e a cor em camisas de noite ou em roupas de casa. Para estas o que é mais fino é a cor creme ou a branca mas algumas combinações felizes se podem fazer em cores para roupas mais rústicas.

Por qual vais começar Paula?

São todas tão bonitas!

M. B.

Terá que se ter cuidado na combinação da grossura da agulha com a da linha.

Rendinha de "crochet" tipo frioleira

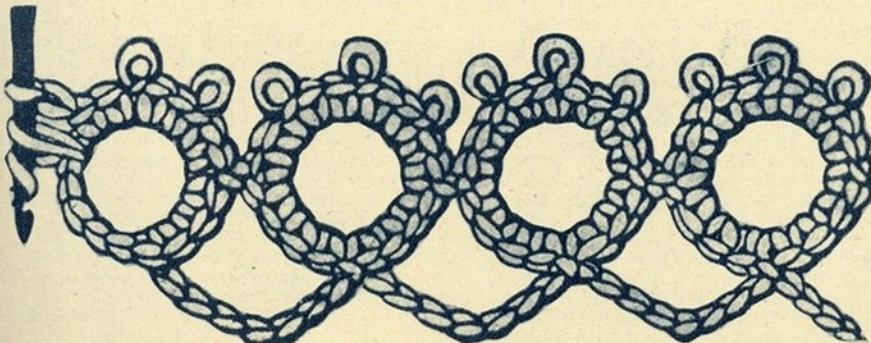
Esta rendinha do tipo frioleira executa-se de modo um pouco especial. Feita com linha fina ficará encantadora a guarnecer roupa branca. E' extremamente sólida. Execução: — A renda é feita no sentido do comprimento.

O pé da renda é executado por último sobre o comprimento desta.

Comece por 14 malhas de cordão, e prenda com uma malha disfarçada na 4.ª das malhas de cordão, para formar um circulo. Volte e faça nesse circulo: 5 malhas apertadas, 1 «picot», 2 malhas apertadas, 1 «picot», 2 malhas apertadas, 1 «picot», 5 malhas apertadas e uma malhazinha disfarçada para fechar o circulo (fig. 1). Estes «picots» fazem-se ordinàriamente fazendo 3 malhas (de cordão) no ar, 1 malhinha disfarçada a prender o «picot». Continuar fazendo sempre 18 malhas (de cordão) no ar, 1 malhinha disfarçada da 8.ª, 5 malhas apertadas, 1 «picot», 2 malhas apertadas, 1 «picot», 2 malhas apertadas, 1 «picot», 5 malhas apertadas, 1 malha disfarçada. Os circulos ligam-se uns aos outros por uma malha no ar um pouco alongada saida da 3.ª malha apertada.

Feitas as argolas no comprimento desejado, volta para trás em todo o comprimento com: 5 malhas de cordão no ar, 1.ª malha disfarçada a prender na 7.ª malha no ar, 5 malhas de cordão no ar etc. Chegado ao fim volte e faça 1 malha no ar, 1 meia bride (meio homem), 1 malha no ar etc. (fig. 2).

* * *

Para executar o entremeio: Faça um renque de circulos como para a renda depois um 2.º do renque picando e prendendo com 1.ª malhinha disfarçada no meio das malhas no ar do 1.º renque.

ENTREMEIO E RENDA DE LEQUE

Execução: — O entremeio faz-se atravessado isto é no sentido da largura. Base: Faça 6 malhas de cordão, forme um anel, fassa 2 malhas no ar para virar.

1.º renque: — 8 brides no anel e 4 malhas no ar para virar.

2.º renque: — 1 bride sobre a 2.ª bride do renque precendente, 2 malhas no ar, 1 bride sobre a 6.ª, 2 malhas no ar 1 bride na última, 5 malhas no ar para virar.

3.º renque: — Tornar a picar na última bride, 3 malhas no ar, 1 malha simples no 2.º intervalo e 3 m. no ar, 1 m. simples no 4.º intervalo, 3 m. no ar, 1 m. simples no 5.º, 5 m. no ar para virar, e formar um anel.

4.º renque: — Como o 1.º; o *5.º renque*, como o 2.º; o *6.º renque*, como o 3.º; o *7.º renque*, como o 1.º (no grande intervalo do meio do renque precedente, mas recuar 1 m. simples no 1.º intervalo do leque (ou dente) por baixo.

8.º renque: — como o 2.º, mas acabar por 3 m. no ar e ficar no 2.º intervalo do leque (ou dente) por baixo.

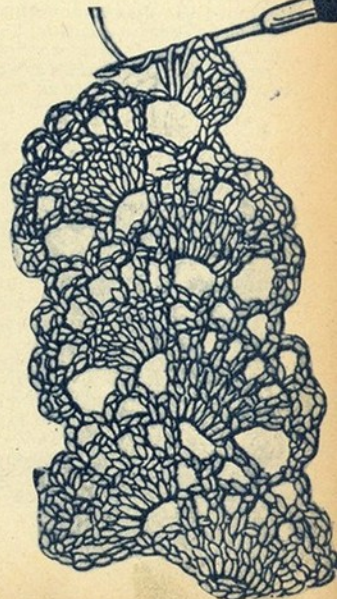
9.º renque: — Como o 3.º mas acabar por 3 m. no ar e ficar no 3.º intervalo do leque (ou dente) por baixo. Recomeçar constantemente como os *7.º*, *8.º* e *9.º renques* até alcançar o compartimento desejado.

Fazer em seguida de cada lado, em todo o comprimento do entremeio malhas smples separadas por 3 ou 2 m. no ar segundo o espaço para unir os dentes entre si. Faça um 2.º renque com 2 m. no ar, 1 m. simples, etc.

* * *

Para fazer a renda basta rematar o entremeio só de um dos lados deixando do outro os leques arrendados.

Camaradagem

V–FÉRIAS DO NATAL [em casa de Madalena]

Para a Madalena, a quinta-feira era o pior dia da semana, o dia negro, o dia aziago.

A Avó todos os outros dias condescendia em ouvir os primos berrar, o piano, doido varrido, tocar coisas que lhe faziam bater os tímpanos e estremecer toda como se houvesse trovoada.

Porem, a neta dizia-lhe que eram músicas modernas e tanto bastava para a Avó se ficar quietinha a fazer crochet. A's vezes a Maria das Dores — a creada da provincia que ali seroava ao pé da Avó -- quando o barulho se tornava infernal, parava de coser, parecendo ameaçada de congestão, tal era o calor que por ela trepava e punha-se a falar com os seus botões:

— Vê-se mesmo que têm o diabo no corpo!

— Deixe-os, mulher! Acudia logo a Avó, ajustando a «gampe» de renda ao pescoço — aquilo é mocidade!

Mas... às quintas-feiras tudo mudava de figura.

Ah! Quem teria inventado as quintas-feiras da Avó!

Vinham as tias!

Tres tias com quem Madalena não concordava nunca porque muito embora lhe tivessem feito o enxoval de bébé e o vestido de comunhão, ela não lhes era grata porque as senhoras não mudavam de hábitos nem de ideias e para cúmulo vinham jogar o loto, dizendo que queriam desse modo contribuir para completar a educação da sobrinha.

A's quintas-feiras a Avó mostrava-se intransigente, carregava o sobrolho, não admitia nem cinema, nem amigos lá em casa, nem passeatas por fora. Era forçoso encher a fila do cartãosinho de pequenas marcas e gritar — quinei! — A' hora do chá, quando em geral as tias se preparavam para o discurso da critica, Madalena arranjava uma série de intrujices com que pretendia desculpar os seus actos condenaveis. Contudo o «espírito» com que a azougada rapariga o fazia, desconcertava a Avó que se punha a sorrir para a tia Matilde, das tias a mais condescendente. Coitada, a pobre senhora era surda! A irmã, a tia Zèzinha, casada com o tenente Matos — oficial reformado — ficara sempre um pouco acanhado, porisso a acusadora mor era a tia Doroteia. A terrivel tia Doroteia!!! Ela e a Avó tinham pegas constantes. Já lá vinha de traz.

Quando a mãe de Madalena morreu e a deixou pequenina, as tias foram tão eloquentes nas suas ponderações que a Avó esteve quase a deixar o pobre anjinho entregue aos cuidados do pai e de uma creada nova e simpática. Contudo a Avó teve um rebate de consciência mais forte que venceu todos os obstáculos e trouxe a criança para sua casa. Se não fosse isso, Madalena teria tido de suportar até à hora da morte do pai, a vida em comum com uma madrasta estúpida e boçal. Mas, agora, nem tal ocorria à frívola rapariga. Nunca se preocupara por saber como tinha ido parar a casa da Avó, nem os sacrificios que devia à extrema bondade da santa senhora. Aquilo era caso arrumado, era como se tudo lhe pertencesse desde sempre.

As tias não perdoavam à sobrinha aquele seu à vontade. Quem as informava dos «lavarintos» que a menina fazia era a Maria das Dores. Metia-lhes tudo no bico.

Esta quinta-feira depois do Natal aparecia sobremaneira carregada de cores sinistras. A tia Doroteia entrara logo nervosissima. Mal se sentaram como de costume na casa de jantar à roda da mesa, a Madalena começou a distribuir os cartões do jogo por todos os lugares, ao mesmo tempo que trauteava uma canção em voga, imitando as grandes atitudes das «estrelas».

A tia Doroteia olhou-a e bradou trágicamente:

— Madalena! Lamento essas extravagantes maneiras!

— Ó tia, isto é uma criação da Ginger Roger's! Ela tem imenso «glamour». A tia Doroteia não gostava de ter «glamour»?

— Há coisas que me preocupam muito mais, respondeu a tia secamente. — As tuas mentiras, por exemplo!

— O' Ceus! Quem a ouvir, se calhar, julga que é verdade. Eu detesto, horroriso a mentira!

— Vamos ao caso, continuou a tia sem lhe dar atenção. — A semana passada a tua conduta foi digna de lastima! Na véspera do Natal, anunciaste-me que ias para o «Retiro» com algumas pequenas do Liceu; na semana anterior fizeste-nos aqui — exagerada como sempre — a descrição dos enxovais dos recemnascidos que vocês confeccionam e costumam distribuir por esta epoca. Eu, como já há muito ando com a pedra no sapato, não acreditei nos teus bons sentimentos, e é claro, só fiz bem. Venho a saber depois que ha duas semanas, não fazes outra coisa senão dansar, fumar, namorar e enganar-me, mentindo naturalmente a todos, até à Avó que, coitada, já não tem mão em ti, verdadeira peste!

Foi assim que passaste o teu dia de Natal e te preparas para passar o resto das férias? Se fosses minha filha outro galo cantaria!

Não tens uma única qualidade, estouvada! Visto que fazes ouvidos de mercador aquilo que te dizemos, daqui para o futuro passarei a prevenir os outros dos teus defeitos. E' a nossa obrigação! Ao menos se algum pobre rapaz te pretender — o que duvido — a tua futura sogra saberá precaver-se contra tal monstrosinho!

Madalena, arregalou os olhos, esfregou com as mãos no cabelo enriçado e como uma fúria atirou-se para cima do cadeirão, a espernear e a dar socos violentos na almofada.

— Eu sou uma trouxa! Uma sacrificada, uma vítima da família!

— Ai, ai, ai! — A tia Zèzinha correu em socorro da almofada.

— Esta rapariga não respeita nada! O meu rico bordado a matiz! — E ameaçou com um dedo no ar. Merecias uma boa bofetada!

— E' verdade! — rematou a tia Matilde surda como uma porta. Ela está mudada! Esta criança precisa de bons conselhos, vale mais um bom conselho do que levá-la pela força!

— Avó! exclamou Madalena com a voz alterada, indo ao encontro da vèlhinha, que entrara naquele momento. — Defenda-me destes sarilhos. As tias toda a vida que quizeram educar a seu modo, o lindo resultado é este! Sou educadissima, sou um portento. E' obra delas, mas elas agora condenam-me!

— E' inacreditável! articulou a tia Doroteia. Quem te ensinou a ser desmazelada, leviana e ingrata, fomos então, nós? Olha que eu e as tias temos esta idade e não damos as nossas roupas a ninguem. Arranjo-as e de velho faço novo. Fui casada e apesar do teu tio me ter saido uma boa prenda, aqui estou viuva e ninguem ousou tocar-me ao de leve sequer!

— A tia Doroteia pode virar trinta vestidos do avesso, mas não conseguiu virar o seu marido, que antes quis morrer, nem me virará a mim com essas palavras!

— Madalena! repreendeu a avó. Tens razão, continuou num tom mais brando. A avó é quem deve defender-te, porque é a única culpada de tudo. Tenho dado mimo demais à minha neta, tenho-lhe feito todas as vontades e caprichos. Deus sabe como lhe rezo e em que cuidados vivo por causa dela. Digam que sou fraca, filhas, acusem a vossa mãe de ter pago as meiguices que ela me dá e eu nunca tinha tido com demasiadas concessões, mas a Madalena não tem culpa. Ajudem-me, se podem, a ter mão nela.

— O' avozinha querida! Implorou a neta de joelhos. Pela sua rica saude! Eu juro por tudo o que ha de mais sagrado procurar depressa um novo rico para me casar e deixá-la socegada, mas se me tira a minha rica liberdade eu estoiro como uma barata!!!

A tia Matilde via a sobrinha de joelhos numa atitude suplicante e exclamou comovida:

— Ela, coitadita, tem bom coração, lá isso tem! Já a mãe era assim! Uma espalha brazas, mas depois caia em si.

— Cala-te! gritou lhe a tia Zèzinha ao ouvido.

— Pois mamã, disse a tia Doroteia, encaminhando-se com dignidade para o seu lugar à mesa de jogo, já que nos pede o nosso auxilio, eu começarei por avisar a Reitora do Liceu da linda prenda que lá tem e da conduta da mesma menina durante as férias do Natal. Resolveremos depois o que há a fazer.

O tenente Matos entrou nesse momento com as mãos dentro dos bolsos do sobretudo, tal qual como um pássaro negro.

— Santas tardes! disse ele, percorrendo com o olhar a roda da mesa. — Então quem tem estado aqui a perder?

— Eu, é que tenho sido um az! E Madalena pendurou-se ao pescoço da Avó a chorar perdidamente...

(Continua)

Maria Amália Fonseca

MARGARIDA LOPES DE ALMEIDA

por BERTA LEITE

Poucas vezes estamos em presença de tão alta personalidade artistica como diante da rara figura de Margarida Lopes de Almeida.

Declamadora e poetisa, cantora eximia e escultora de altos méritos, a filha do notável poeta Filinto de Almeida e da grande romancista D. Júlia Lopes de Almeida, merece lugar de relêvo não apenas entre as Letras e Artes brasileiras, mas até e sobretudo, nas Artes e Letras portuguesas.

Nos quatro recitais ultimamente realizados no teatro Nacional D. Maria II, Margarida Lopes de Almeida recitou magistralmente os maiores poetas das linguas latinas. Reanimou o heroismo dos nossos Maiores da História Pátria, foi humana na tragédia, graciosa na futilidade, terna e sentimental nos poemas de amor, flagrante e real nas cenas familiares, adoravel na interpretação dos poetas populares do Brasil. Disse em português versos brasileiros e em brasileiro versos portugueses. Foi perfeita pois, no acordo cultural.

Nas poesias francesas perpassou pela sua voz emocionante e emocionada a própria alma da França imortal.

E nos poemas espanhois deu-nos a rara distinção da sua alma latina como a flama eterna do génio que em si palpita... Escultora expôz no Salão de Belas Artes, conjuntamente com os belos trabalhos de pintura de João Reis, duas esculturas notabilissimas: *Retrato de minha mãe* e *Cabeça de negra (Antonha)*. D. Júlia Lopes de Almeida, a gloriosa filha do Visconde de S. Valentim, foi magnificamente fixada na obra de sua filha, em seu porte de fidalguia e seu olhar clarividente.

A negrinha é um poema... de côr. Irradia simpatia e singeleza.

Quanto às obras literárias de Margarida Lopes de Almeida, as suas lindas poesias enternecem-nos duplamente pela fina sensibilidade que as dita, e pela bondade da sua alma entoando graças a Deus pelo bem que é a Vida.

Podemos bem afirmar que Margarida Lopes de Almeida é caso único na História feminina da arte.

Todas as modalidades artisticas lhe são familiares.

Espirito requintado e culto, foi a sua missão amplamente compensada no bem que vem fazendo às almas.

Filha estremosa, Irmã e Amiga sem par, Margarida oferece nobre exemplo de dedicação e trabalho, digno da meditação da mocidade dos nossos dias.

Na sua Arte como na sua Vida o caminho que trilha está cheio de sol e de boa vontade.

Para tudo e para todos.

O nome de Margarida Lopes de Almeida é pois cheio de graça e só deve ser pronunciado por quem souber o que é entusiasmo, admiração e respeito.

* * * * * * * * *

RAPARIGAS DE ONTEM

(Conclusão da página 7)

A chegada a Nice foi tarde. Viemos para o William's Hotel, um hotel socegado muito próximo da Promenade des Anglais.

Não calculas o que foi o meu deslumbramento na primeira manhã; levantei-me cedo e enquanto as minhas companheiras descansavam vim dar uma volta nessa linda avenida à beira-mar que é a Promenade. Dum lado palácios e grandes hoteis, do outro o mar azul e lindo estendendo-se a perder de vista; o Casino de là Jettée, que todos conhecemos dos postais como sentinela vigilante no meio da baia, o sol claro e o ar fresco tudo me encantava. Fui até à Avenida da Vitória com as suas lindas lojas de um lado e de outro, sucursais algumas das grandes casas de Paris, comprei bombons para Colette e a uma florista da esquina flores, e voltei para o hotel, não sem ter entrado na Igreja de Nossa Senhora.

Que cidade linda e simpática é Nice; para me sentir feliz só tu me faltas. Ficaremos agora aqui uns dias. Colette está encantada e quer demorar-se, mas as ordens que tenho é de não ficar. O Senhor de Villemaison teme para Colette os saltos bruscos de temperatura e recomenda-me que siga para Itália, clima mais igual.

Efectivamente aqui o crepusculo é tão brusco que de uma tarde primaveril passa-se a uma noite fria de inverno.

Amanhã vamos a Monte Carlo. Miss Muir não quer deixar de ver o Casino e os jardins, teatro do romance que agora a absorve e a faz viver a vida dos seus figurantes.

Tomámos chá hoje no Napolitain, e, a certa altura, disse-nos:

— Foi aqui que ela viu Pedro pela primeira vez.

Colette e eu julgámos que se tratava de alguém conhecido. Era apenas a heroina do romance. Rimos tanto quando o descubrimos que todos olhavam para nós. Rir faz bem a Colette e a mim faz-me lembrar das nossas risadas perante qualquer coisa insignificante.

Escreve-me para Genova, posta restante, dá-me noticias da Avó e de todas. Achei imensa graça ao que me contas dos teus coelhinhos, que domesticadora estás, e não será para me consolar que me dizes sentir tanto interesse por todas essas coisas da vida do campo?

Quem nos diria há dois anos que nos separariamos e fariamos uma vida tão diferente? Que surprezas nos traz a vida.

Adeus querida, beija muito a Avó e crê que nem um minuto deixas de estar connosco. Se não sou, eu é a Colette que diz: — Como Gabriela gostaria disto. Miss Muir manda-te muitas saudades e Colette beijos, e eu mando-te o meu coração num grande abraço.

Maria Luiza»

Gabriela ao findar a carta limpou uma lágrima e ficou por momentos pensativa. Viu Lourdes, e pensou que também ela sonhara uma viagem à Côte d'Azur; Mas sacudindo os ombros levantou-se, juntou os jornais e com passo firme dirigiu-se para o solar. As almas fortes quando tomam uma resolução não se deixam abalar por sonhos e Gabriela, debaixo da sua aparência delicada, era uma alma forte e apressou-se a levar à Avó noticias da viajante que tanto inquietava a boa senhora, fazendo-a rezar terços a seguir uns aos outros para que Nossa Senhora a livrasse de perigos.

(Continua)

Maria d'Eça

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO — DESENHOS DE GUIDA OTTOLINI

GENTE NOVA

XIII

Todo o dia, pretextando uma forte dôr de cabeça Francisca Tereza ficou fechada no quarto, e só Cecilia lhe veio trazer chá e torradas, tentando obrigá-la a desabafar o seu desgosto. Por fim, sentindo toda a compreensão e ternura de sua irmã, Francisca Tereza contou-lhe tudo.

— Respondeste o que devias, Tété — foi o comentário simples de Cecilia. — E se gostas d'êle deveras, não podes proceder doutra maneira. Agora ouve o que te digo, queridinha: quem vai falar ao pai dele sou eu, queres? E, confirmo o que tu já disseste.

— Querida Cecilia! — chorou Francisca Tereza, abraçando-a.

. . . .

Nessa mesma tarde, em contraste com a tristeza profunda da pobre Tété, vieram duas cartas de Domingas atrazadas de muitos meses, respirando alegria e entusiasmo. Com os olhos velados pelas lágrimas irreprimiveis, Francisca Tereza leu a primeira:

«Ah, se tu avaliasses o que é o interesse de Pompeia, ressurgida do passado com os seus mosaicos, as suas pinturas, as suas estátuas, os seus páteos... Saímos de Nápoles de manhãsinha, o Rodrigo e eu; íamos quase felizes, Tété! Hoje há na vida, mesmo para quem sofre, tantas coisas boas, lindas, estupendas. Verdade seja que o Rodrigo pensa em ti através de tudo; e mesmo que o não diga eu sinto-o, adivinho o pensamento dele. O seu amor por ti tem raizes tão fundas, tão antigas, que me parece, (e ele próprio o confessa) ter existido sempre. Coitado, faz-me uma pena imensa ver como se desmoronou o sonho no qual baseava a sua vida toda...

Mas não quero falar-te em coisas tristes, a ti que vives ao calor da tua paixão pelo teu noivo como na d'êle por ti...

Saímos muito cedo de Nápoles; e, pedindo ao chauffeur que fosse devagar, passámos terras encantadoras e pitorescas, com nomes sugestivos e cantantes: Portici, Torre del Greco, Torre dell'Anunziata...

Seguiu-se a subida ao Vesúvio, imagina! A Chucha dava berros se se visse montada num pileca chamada *maccheroni* a trepar o monte, onde o próprio chão, lá em cima, é quente! Apalpei a lava escaldante, Tété! e trouxe uma moeda metida nessa lava que depressa se petrificou. E lá de cima que vista deslumbrante sobre o golfo de Nápoles! Mas é evidente que a visita a Pompeia foi o mais interessante do dia; e quando nos vimos naquelas ruas estreitas de enormes lages (nas quais ainda estão os sulcos dos carros romanos!!) e nas casas de há tantos séculos, fiquei impressionada deveras. A meio dos páteos das casas há sempre um tanque destinado a receber água das chuvas; rodeando esses páteos estão os quartos vários, todos pequenos, os dos homens dum lado os das mulheres do outro.

A casa mais bonita, das últimas escavadas, tinha frescos de cores ainda lindas; e no jardim, bem cultivado, viam-se estatuetas artísticas em mármore branco de neve.

Tambem visitámos as *Termas de Stábios* com as suas paredes ôcas para deixarem passar os vapores da água quente; verdadeiro aquecimento central, afinal!

A' saída de Pompeia, eu só pude pronunciar uma única palavra: formidável!

Agora já só te escrevo de Africa; embarcamos amanhã».

A outra carta de Domingas, aliás anterior a esta, não lhe ficava atrás em interesse.

«Não me foi possivel escrever-te de Roma: o tempo era bem pouco para o que queríamos ver, observar, admirar... Mas quando, poucas horas depois de chegar à maravilhosa cidade, nos vimos na Piazza di San Pietro, em frente da Basilica mais célebre do mundo, olhando para aquela cúpula harmoniosa, delineada por Miguel Angelo, aquela frontaria impressionante, quási corri a entrar na igreja colossal e linda!

E deu-se então uma coisa estranha, Tété; andávamos, andávamos, andávamos, para nos aproximarmos, enfim, das pias de água-benta, taças de mármore seguras por anjinhos. E só depois de tanto andar percebemos... que os anjinhos eram estátuas enormes e o percurso andado era imenso! Mas as dimensões da Basilica são tão harmónicas na sua grandeza, que não se avaliam de repente.

Que naves! Que mármores! Que harmonia! E o grupo comovedor da *Pietà* de Miguel Angelo! Como me senti feliz, Tété, pensando que pertenço, eu, infima, à religião que inspirou tal obra de arte! Como é bom ser-se católica, e viver-se dentro do espírito da Igreja... Pensei muito em ti nessa tarde...

Ainda fomos ao Vaticano; pois o Rodrigo, dispondo de pouco tempo, queria encher os olhos com as grandes telas de Rafael; e julguei que não conseguia tirá-lo de lá, tão absorvido estava em frente dessas maravilhas, únicas no mundo...

Hoje não t'as descrevo, sabes porquê? Porque estou cansada a um ponto que se me fecham os olhos e cai da mão a pena... Adeus, Tété!»

Estas cartas deixaram Francisca Tereza mergulhada em amargos pensamentos. Coisa estranha é a vida, dizia de si para si... Tinha passado os anos da sua infância, da sua adolescência, vendo crescer a seu lado, dia a dia, o amor precioso dum rapaz como Rodrigo; e tudo isso desprezou, esqueceu, para se apaixonar pelo frio José Paulo, cujo carácter parecia agora revelar-se menos leal, menos recto, talvez mesmo deshonesto!

— Isso não poderei suportar... — murmurou tristemente. — O meu amor não pode resistir à falta de absoluta rectidão — concluiu, mentalmente.

Quando Cecilia voltou para dar-lhe conta da sua missão junto do Dr. Ribeiro Salles, missão essa que não conseguira cumprir, pois o advogado partira de repente sem se saber para onde, Francisca Tereza disse-lhe, quasi calmamente:

— Ouve, Cecilia: se estivéssemos casados já, e o José Paulo procedesse mal, apesar do meu desgosto imenso e da desgraça da minha situação através de tudo... nunca eu o abandonaria. Penso que o lugar da mulher é sempre ao lado do marido, em todas as circunstâncias...

— Concordo contigo, Tété — disse a irmã.

— Mas este caso é diferente. E a ideia que eu formava do seu carácter, do seu espírito, da sua vontade, transformam isto tudo num desapontamento tremendo...

A falta de honradez, Cecilia, é uma coisa tão baixa, tão vergonhosa... — e Francisca Tereza soluçou baixinho, a cara coberta pelas duas mãos.

. . . .

O general, sem bem saber do que se tratava, andava preocupado e triste.

Via a sua Tété, d'antes alegre e activa, tão tristonha e calada... Nem de Maria do Ceu já se ocupava, ela que costumava passar certas horas do dia a entreter a pequenita no jardim, ensinando-lhe cantigas e jogos. Nunca mais se sentara ao piano...

O general não queria perguntar nada; mas o neto encarregou-se de o pôr ao corrente duma maneira imprevista.

— A Tété saiu, avô? — perguntou o impetuoso rapaz, entrando na saleta uma manhã.

— Julgo que não, Manuel; que lhe queres? deve ter vindo carta do José Paulo — acrescentou o velho, manhosamente.

— Isso é que me não parece; cá por coisas...

— ? —

— O tal José Paulo é boa firma, afinal... — e Manuel preparava-se para sair. Mas o avô levantou-se com uma inesperada ligeireza e chamou-o energicamente:

— Manuel!

O rapaz não se atreveu a desobedecer.

— Põe para aí tudo o que sabes; já!

— Para quê estar o avô a ralar-se? A Tété não quer que se lhe diga nada.

— Fala e já — tornou o velho com severidade.

— O José Paulo parece que empalmou os sócios e pisgou-se com a massa toda para Caracas, ou não sei para onde. Depois...

— Se falasses português, era mais simples.

— O pai embarcou no avião da carreira para ver se o salva. Mas tudo isto é uma salsada bestial...

— Não digas mais nada; já me basta — retorquiu o avô, com exaltação — Quando penso que uma neta minha, com o nosso nome, honrado desde sempre, podia vir a casar com um ladrão, ah, Manuel, nem sei o que sinto... Vai buscar água, depressa, depressa! — gritou de repente; e deixando-se cair numa poltrona, o general fechou os olhos e perdeu os sentidos. Manuel correu a buscar agua e a chamar a mãe, o pai, as irmãs!

E durante muitos dias, viram o general a definhar pouco a pouco.

Ao fim de quatro tristes semanas, rodeado de filhos e netos, religiosamente preparado para a grande jornada, e mostrando, até ao fim, a lucidez do seu espírito e a firmeza do seu caracter integro, o general morreu serenamente.

Cecilia, inteligente e sensata, acompanhava agora a irmã quase a todo o momento. Vendo Francisca Teresa cair numa tristeza profunda, exacerbada pela morte do adorado avô, e receiando a falta de reacção da parte da irmã que estremecia, tentava animá-la enchendo-lhe o tempo com trabalho.

— Pelo amor de Deus olha-me pela pequenina, Tété.

— Estou bem pouco alegre para estar com uma criança — respondia Francisca Teresa.

— Mas senta-te com ela no jardim; assim, estou descançada e posso ir tratar doutras coisas.

Com o espanto de todos, o general deixara uma avultada fortuna; e a maior parte dessa fortuna era destinada à sua neta Francisca Teresa.

— Querido avô... — disse Tété, comovida. — Hei-de empregar esse dinheiro todo numa obra de Assistência.

— Cecilia entusiasmou-se.

— Oh Tété, aposto que vais arranjar uma Crechesita na nossa Freguesia?

— Vae ser um interesse para a minha vida, Cecilia. E diz-me — acrescentou baixinho — soubeste alguma coisa do José Paulo? Como é possivel que nada mais me dissessem?

Cecilia não respondeu. Soubera, sim, do triste boato que começava a correr insistentemente em Lisboa, trazido na vespera pelas senhoras Villa Fresca. E, na dúvida de o ver confirmado, nada deixara chegar aos ouvidos da irmã.

— Não me dizes nada... É porque nada sabes — concluiu Francisca Teresa tristemente.

Mas nessa mesma tarde o boato confirmou-se; e Manuel, chegando duma reunião de rapazes contou tudo aos pais.

— O José Paulo deu um tiro nos miolos! — declarou ele, indignado — que tipo! Viveu mal e morreu peor; nem tempo teve para se arrepender.

— E o pai, coitado? tenho pena dele... — disse Manuela.

— Não voltou ainda; parece que queria ver se provava a honradez do filho, mas as provas dos outros são boas, nada consegue fazer.

— Quem vai dizer isto à nossa Tété? — murmurou Jorge.

— Eu — declarou Cecilia, indo ter com a irmã.

Parecia um milagre o que, um ano depois destes tristes acontecimentos, sucedera na vida de Francisca Teresa:

Perto da casa do general, nuns terrenos vagos cedidos a baixo preço pela Câmara para esse fim erguia-se já, branca e acolhedora na sua simplicidade, a pequena Creche de Jesus Menino. E Francisca Teresa, toda entregue à sua Obra, renascia para a vida com maior actividade, maior entusiasmo para o piano, maior amor às criancinhas pobres. Tentara chamar a Chucha, para a ajudar nos constantes trabalhos; mas em vão...

— Tenho mais que fazer do que aturar miúdos — respondeu Chucha, aborrecida.

— E havia de tirar o meu rico tempo às pandegas, às unhas, ao bar, ao cinema e tudo isso, para quê? para fazer de pateta a dançar dancinhas com creanças ranhosas, ou a ensinar-lhes rezas como ao papagaio. Nada disso é o meu género.

— Oh Chucha! em tão poucas palavras disseste tanta tolice... — respondeu Francisca Teresa.

— Não vês que isto é um interesse, um interesse enorme para uma rapariga como tu, como eu?

— Para ti talvez; estás virada para o sério. Mas eu...

Francisca Teresa olhou-a, vagamente assustada.

— É verdade, Chucha, que andas em passeios com rapazes e até vais só com eles ao cinema?

Chuca acendeu um cigarro e respondeu a rir:

— E que tem? A vida são dois dias...

— Tem muito, Chucha; e que a vida seja curta ou longa nada influe no caso. O que deve ser é bem vivida, dentro do dever que é, afinal, o único caminho da felicidade.

— Lá sermão é que eu não aturo, Téte; cala a caixa. Se tu soubesses a tarde bestial que eu tenho hoje... Vou para Sintra com um rancho: mas descança, a tia vai comigo! E foi o teu próprio Manuel que insistiu para ela ir, calcula! Como resolveu catequisar-me, coitado! perde o tempo.

E Francisca Teresa nunca mais lhe falou na Creche. Mas Domingas, da Zambezia, ia acompanhando com interesse os seus trabalhos e prometia tomar neles parte quando, dentro de um ano, voltassem para Portugal.

Uma carta de Domingas acabava de chegar às mãos de Francisca Teresa, instalada ao piano a tocar o Carnaval de Schumann.

O «Carnaval» era uma das suas obras predilectas, que estudara com entusiasmo; e fôra explicada pelo seu professor com tal clareza que lhe parecia compreender, em absoluto, o pensamento de Schumann!

Desde o animado e buliçoso Préambule, seguido do Pierrot pesadão e desastrado, Arlequin, saltitante e ligeiro, à solene Valse Noble, ao amoroso Aveu, à apaixonada Chiarina, ao timido Ensebius contrastando com o fogoso Florestan, todo esse vibrante conjunto (cujos nomes franceses o próprio Schumann escolheu, embora fosse o mais alemão dos alemães) terminando na alegre Marcha final, onde os motivos se cruzam e enlaçam...

Francisca Teresa tocava com uma compreensão invulgar. E estava justamente acabando o encantador Aveu, quando a carta de Domingas chegou.

Começava por uma alegre noticia que enchia de alegria o seu coração terno:

«Estou noiva. Um dos colegas do Rodrigo lembrou-se de se apaixonar por mim, imagina! Não é rico; teremos de viver modestamente. Mas estou tão feliz, Tété! O meu Carlos é de optima familia açoreana, e, diz ele, o seu nome honrado é o bem mais precioso e a única fortuna que tem para me oferecer. Vamos casar na Zambézia: já pedi à minha mãe para me mandar o que é preciso. Embora seja triste não casar em casa perto da Mãe... talvez seja melhor assim. Tenho o Rodrigo para me servir de pai; e evito muitas discussões, muitos aborrecimentos... Além disso, a Chucha inquieta-me, sabes? Dizem-me que cada vez se afasta mais da religião, do bôm caminho, das boas companhias... Triste, tudo isto. E tenho de esquecer estas tristezas para só pensar na felicidade enorme da minha vida: o amor do meu Carlos!»

— Uma joia, esta Domingas — murmurou Francisca Teresa, dando a carta a ler à mãe e à irmã.

— E diz-se que o Rodrigo está fazendo um trabalho admirável de hidráulica — observou Cecilia.

— Sim? — preguntou Francisca Teresa, pensativa.

(Conclue no próximo número)

CHÁ DA COSTURA

— Como passou depressa este ano. Cá estamos todas em vésperas de férias! — declarou Clara.

— E eu vou tê-las de encher o papinho — disse Joana, toda contente.

— Para onde vais, Jana? — perguntou Rita.

— Não sabem que o Pai comprou uma quintarola na linha de Sintra? E' para lá que vamos; olé!

Maria José admirou-se da alegria de Joana.

— Ora tu que todos os anos te regalas em praias chiques, como é que vais apreciar o campo?

— E a vida na quinta? — meteu Rita.

— Estou radiante, fiquem sabendo; e vou tirar um partidão das férias, este ano.

— Viraram-te do avesso — comentou Maria José.

— Talvez... — tornou Joana, pensativa. — O certo é que a ideia da quinta está a entusiasmar-me deveras! E que projectos eu tenho... Nem fazem ideia!

Clara, satisfeita, observou, rindo:

— Jana querida, sabes que te estás tornando um *ás*, um verdadeiro ás?

— Não cantes vitória. Ainda é cedo para isso. Mas tenham a certeza duma coisa: não terei férias inuteis, não. Senti de repente, imaginem! que posso vir a ter uma influência importante na creançada pobre que vive naquela terra; e resolvi trabalhar a valer: mas o que se chama trabalhar!

— Tu, Jana?!

— Tu?!

— Custa a crer!

— Só vendo...

— Eu, sim senhora, eu mesma. E já comecei a preparar as coisas para o meu trabalho. Num barracão enorme que há no fim da quinta tenciono ter um belo *recreatório* para garotos.

— Belissima ideia, Jana! — aprovou Clara.

— Mãe dá-me o harmonium pequenino é muito fanhoso e tem duas notas que sopram sem o menor som, mas serve); o Pai mandou lá pôr uns bancos compridos e uma mesa; a Maria dá-me uns quadros alegóricos e artisticos para as paredes.

— E que tencionas fazer com os garotos?

— A que horas vais para lá?

— O que lhes dás de comer?

Joana tapou os ouvidos e gritou:

— Deixem-me falar; ficam a saber tudo. Aos Domingos, aí pelas duas horas ou três, é que vai funcionar o meu recreatório; e às quatro tem uma merenda de pão e fruta. E cada Domingo hei-de preparar um programa especial: discursos meus e deles, questionários, canto coral, e coisas colossais que me hás-de vir à ideia; verão!

Clara abraçou-a afectuosamente e disse:

— Estou certa, certissima, de que as *tuas* férias vão ser encantadoras e cheias de proveito, Jana!

— Quando nos reunirmos outra vez, há-de ver-se o que fez cada uma de nós — concluiu Joana, satisfeita.

— Com a partida da Clara, quanto tempo estaremos sem nos reunirmos... — murmurou Maria João.

É mais agradável aprender a cozinhar em passeio

Assim se ganha amor aos trabalhos que nos esperam

Colaboração das Filiadas

O NOSSO PRIMEIRO ACAMPAMENTO

Chegou enfim o dia do nosso acampamento! A manhã apresentava-se-nos com uma cara melancólica e tristonha, como precursora dum dia nublado e cizento. O céu, que durante toda a semana se mantivera luminoso e azul, achou por bem ornamentar-se com pesadas nuvens!

Dava ideia que a natureza se comprazia em contrastar flagrantemente com as nossas almas, cheias de vida, de alegria e de frescura! Mas, apesar da cara feia do dia, não perdemos nada do nosso entusiasmo.

Começámos por assistir à Santa Missa, onde pedimos ao Senhor que encaminhasse para Si todas as alegrias daquele dia e que o abençoasse, e por receber a Sagrada Comunhão, tornando assim mais sã a nossa alegria, mais íntimo o nosso contentamento! Depois, sorrisos nos lábios, satisfação nos corações, mochilas às costas, lá fomos cantando e rindo a caminho da quinta onde acampámos. Chegadas lá, hasteamos a nossa Bandeira, e, perfiladas cantámos o Hino da Mocidade. Em cada nota vibrava o nosso entusiamo de raparigas, em cada estrofe o nosso patriotismo de portuguesas!

Em seguida os tres grupos, vento, fogo e água, começaram a desempenhar alegremente as suas funções que eram respectivamente: pôr a mesa e arranjar lenha, cozinhar e ajudar à cozinha. Todas trabalhámos com afã e desembaraço e em breve o «vento» nos apresentou, posta no chão, uma mesa florida e linda, representando, dentro dum grande coração, tres outros corações que significavam Deus, Pátria e Família, a trilogia nacional, o ideal da Mocidade!

A cozinha tambem ficou pronta em breve. As que tinham menos que fazer dispersaram pela quinta, correndo, jogando, expandindo livremente o seu entusiamo. Quando a nossa Instrutora dava sinal de reunir, era divertido ver surgir, a correr, de todos os lados, grupos alegres de frescas raparigas que se apressavam a obedecer à chamada.

Mas, por volta da uma hora, quando o almoço já ia adiantado, e estava sôbre a relva tudo a postos, começou a cair uma chuva miudinha, mas continuada. E então era ver como todas nos despachámos em levar as panelas para dentro duma casa de caseiros que ficava próxima! Mas mesmo na atrapalhação da fuga, que no entanto foi feita com muita ordem, não deixaram de se ouvir frescas gargalhadas, nem nenhuma se mostrou aborrecida pela partida que o dia nos pregava.

Acabámos de fazer o nosso almoço dentro da casa que os caseiros, que foram muito amáveis, puseram à nossa disposição.

Pelas duas horas começámos a comer o almoço, que decorreu animadíssimo. Os acepipes preparados por nós estavam deliciosos, modéstia aparte!

Dentro da casita, ouviam-se risos frescos de raparigas em contraste absoluto com o ping-ping monótono e maçador da chuva que continuava a cair, a cair! Estávamos quási no fim do almoço quando chegaram «as nossas visitas», um grupo de raparigas que, por não pertencerem à Mocidade, não tinham tomado parte no acampamento. Que corajosas as nossas visitas foram!!! Nem tiveram medo da chuva, que continuava a cair ameaçando não cessar. Com elas entrou no nosso acampamento nova onda de entusiamo e alegria e com elas chegou tambem um bocadinho de sol, que veio alegrar o rosto carrancudo do dia. Assim, enquanto a «água» lavava a louça e arrumava tudo, pudemos tirar fotografias e passear pela quinta acompanhando as visitas. Brincamos, corremos, apreciamos lindas paisagens e sítios pitorescos, emfim, tiramos partido de tudo.

O vento preparou a merenda que foi servida às 5 horas. Todas a acharam explêndida, e as nossas convidadas não se cansaram de elogiar as nossas aptidões culinárias.

A' merenda seguiram-se os jogos da natureza a que as visitas assistiram e no fim dos quais foram distribuidos, no meio de estridentes salvas de palmas, tres prémios.

As nossas Mestras e a nossa Instrutora, sorriam satisfeitas por verem tam satisfeitas as suas raparigas!

A's seis horas, mais ou menos, as visitas despediram-se agradecendo-nos a esplêndida tarde que lhes proporcionamos. Tirámos algumas fotografias com a nossa Instrutora, pouco depois, tudo a postos para o regresso. E, já de mochilas às costas, prontas para a debandada, perfiladas e alegres como de manhã, entoámos novamente o hino e arreámos a bandeira.

Regressámos depois ao nosso Colégio, bem dispostas e contentes, sorrisos bailando nos lábios, sorrisos que traduziam a felicidade que nos inundava a alma, sorrisos sãos e puros, tam próprios das raparigas Portuguesas.

Interessante seriedade... em alegre actividade